

Da dermatologia de Jó

"Satã respondeu a Jahve dizendo: pele por pele"
(Livro de Jó, 2,4)

Textos podem ter significados vários e divergentes. Porque são mensagens dirigidas de um emissor rumo a receptores, e alcançam significado depois de recebidos. O significado é síntese da intenção do emissor com a interpretação do receptor da mensagem. Em textos fundamentais, como a Bíblia, os vários significados podem ser anexados à mensagem original, para serem por sua vez interpretados. Destarte, o significado de tais textos se modifica e ramifica no curso da história. No entanto, há textos cuja intenção é dificilmente decifrável (seja por causa do seu código, seja por outras causas). O Livro de Jó é um de tais "textos obscuros", e o trecho citado forma um buraco negro dentro do texto obscuro. Mas pode acontecer que, no curso da história, surjam experiências ou conhecimentos que permitam, repentinamente, esclarecer tais obscuridades. Isto parece estar acontecendo atualmente com o trecho citado.

O Livro de Jó foi provavelmente escrito no 5º ou 4º século a.C., quando a cultura ocidental começou a cristalizar-se na Grécia e na Palestina. De modo que trata de assuntos que distinguem a cultura ocidental da mentalidade mágico-mítica precedente. Sobretudo, da retribuição. Os parceiros de Jó afirmam o princípio da retribuição: "Deus é justo". São ainda mágico-míticos. Jó afirma a gratuidade dos acontecimentos, e a dignidade humana face ao absurdo. Já é ocidental. Esta é a intenção do autor, mas não é clara. Porque o próprio autor parece não ter se emancipado ao todo da magia e do mito. O "Fausto" de Goethe (que toma o Livro de Jó como modelo), procura esclarecer a mensagem. Mas é Kafka que realmente torna transparente a intenção do autor para o leitor moderno.

No entanto, o trecho epigrafado trata de assunto diferente: da "pele". O autor questiona, diabolicamente, e no início mesmo da história ocidental, um dos princípios fundamentais do Ocidente: a definição do sujeito humano. Satã afirma que o homem não pode ser desintegrado, se for atingido no seu ambiente (nos seus bens e nos seus filhos). Mas que se desintegrará se for atingido na pele. Pois tal afirmativa satânica era incompreensível até recentemente. Incompreensível por sua formulação, por sua posição no texto, e pela intenção que a move. Somos a primeira geração ocidental, desde a redação do Livro de Jó, que pode esclarecer tal obscuridade.

A pele, no significado literal e metafórico, representa atualmente grave problema. Problema que ameaça a nossa cultu-



Miró: A Fazenda, 1922

ra toda. A pele é aquela região indefinível e ambigua que separa o Eu do Não-eu, e que comunica entre ambos. O Ocidente repousa sobre o judeu-cristianismo, o qual afirma a nitida definição do sujeito humano, a sua "dignidade" enquanto ser distinto. A dialética da pele nega a afirmação do judeu-cristianismo. A pele é simultaneamente permeável e impermeável, simultaneamente "ainda Eu" e já "Não-eu". Não permite que se fale em "dignidade ontológica" do indivíduo humano face a um mundo "objetivo".

Região ambigua

Toda tentativa de definição da pele enquanto região definidora leva à confusão curiosa. Duas camadas podem ser distinguidas na pele: a epiderme e a cútis. Mas a epiderme não pode ser distinguida do ambiente: desfaz-se nele em forma de escamas. E a cútis não pode ser distinguida do organismo: confunde-se imperceptivelmente com este. De modo que, quanto melhor definida a pele, melhor se vê a impossibilidade de distinguirmos entre o organismo e o ambiente.

A mesma confusão surge nas demais

tentativas de definirmos a região transitória entre indivíduo e ambiente (a "pele" no significado figurativo). Na física nuclear a observação de determinadas partículas modifica sua velocidade e sua massa. Observador e observado se confundem. Na psicanálise, determinados processos psíquicos são transferidos do analisado para o analista através de substrato psíquico comum a ambos. No qual os dois se confundem. Na genética o organismo individual (o "fenótipo") aparece como epifenômeno passageiro da informação genética trans-individual (do "genótipo"). Os organismos surgem da corrente evolucionária não-individualizada. Na ecologia não tem muito sentido querer-se distinguir os organismos em determinados ecossistemas: borboletas são os órgãos sexuais de determinadas flores, e tais flores são os órgãos digestivos dessas borboletas. Na cibernética, as situações são vistas enquanto interação de relações ("Input", "Output", "Feed-back"), não enquanto constelações de sistemas individualmente definíveis. Nas ciências sociais a mera presença do cientista (etnólogo, sociólogo, antropólogo), modifica o fenômeno social observado, e o compor-

tamento do grupo observado modifica o comportamento do cientista. Em todos esses terrenos (e em outros) não mais é possível a distinção entre sujeito observador e objeto observado. Não mais é possível, nem desejável, quereremos definir a "pele"

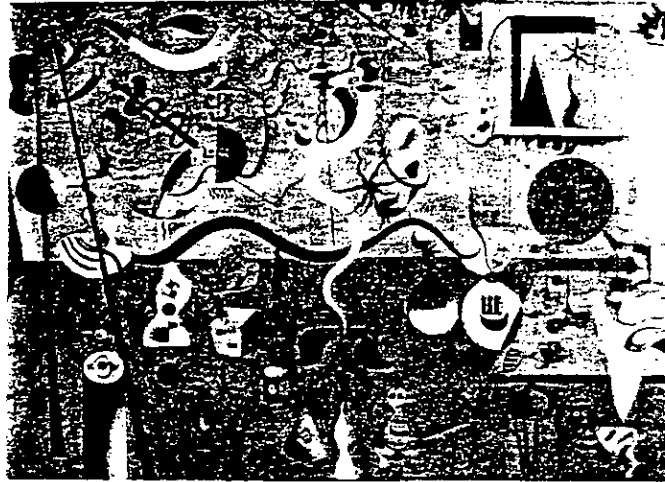
Não podemos mais conceber o mundo enquanto contexto de objetos. Nem o homem enquanto sujeito que vivencia, conhece e manipula o mundo objetivo. Somos obrigados a conceber o mundo enquanto tecido de relações concretas, e o homem enquanto nó de relações, mergulhado no tecido. Somos obrigados a conceber a realidade enquanto campo relacional unificado. Os "objetos" não passam de nomes abstratos de pontos de convergência de relações concretas. E o "Eu" não passa de nome abstrato de ponto do qual partem e no qual incidem relações concretas. Tiradas tais relações, os "objetos" e o "Eu" desaparecem. São nomes de nada. A "pele" desaparece de tal visão, como que devorada por lepra epistemológica. E aparece a unicidade da realidade.

A oposição de sujeito e objeto, tão característica do Ocidente, se revela errônea. Errônea oscilar entre realismo e idealismo. Errônea tentativa ocidental de "adequar o intelecto à coisa". Errônea portanto a nossa ciência, nossa política, nossa arte toda. Ciência é busca de conhecimento objetivo. Política busca de sociedade que permite a realização de valores individuais e intransferíveis, como a liberdade e a responsabilidade. Arte, busca de modelos vivenciais de um mundo objetivo pelo sujeito humano. Tudo isto é erro, se a distinção entre sujeito e objeto é impossível. Se a realidade se revela una. Se a "pele" desintegra.

Pois isto é visão insuportável para o Ocidente. Todas as suas vivências, conhecimentos, valores e atos repousam sobre o conceito judeu-cristão do indivíduo, da "alma". O "progresso" da nossa cultura levou-nos ao ponto, no qual tal conceito se revela insustentável. A ponto, de esbarrarmos contra a unicidade concreta da realidade. A tentação é grande de abandonar nossa cultura em prol de outras, para as quais o homem individual e o mundo objetivo são ilusões a serem "ultrapassadas". Em prol de um misticismo orientalizante. A "gnose de Princeton" não passa de apenas um dos exemplos de como estamos abandonando o solo da nossa cultura. Como Jó, fomos atingidos na pele. No "principium individuationis". Por isto podemos decifrar o trecho epigrafiado.

Indeterminabilidade

Por certo: o autor do Livro de Jó vê o problema da pele de forma diferente da nossa. Vê-o existencialmente, não epistemologicamente. Como "doença", não como "principio da indeterminabilidade". Mas isto pouco importa. A doença



“A pele, no sentido literal e metafórico, representa atualmente grave problema”

de Jó invade todos os terrenos vitais, sobretudo o da fé, e o mesmo se dá com o nosso principio de indeterminabilidade. Em ambas as dermatologias trata-se da decomposição leprosa dos valores judeu-cristãos, dos valores do Ocidente. De maneira que o trecho citado é mensagem dirigida do fundo da história do Ocidente rumo à sua última geração. Luz que emana do nosso solo para iluminar nossa crise de baixo.

A intenção do autor do Livro de Jó é afirmar a dignidade do indivíduo humano face à decomposição da sua definição, da sua pele. Jó "passa pela prova", e se mantém "íntegro" malgrado a putrefação da sua pele. Como se a intenção do autor fosse a de antecipar nossa crise atual, e de sustentar o projeto ocidental, desde o seu início, contra o ataque diabólico desintegrador da identidade humana. Ainda assim, tal intenção é obscura para o leitor moderno. Como pode continuar "íntegro", quem se dilui no ambiente? Jó no monte de cacos, e raspando a pele com cacos, não seria parte integrante do monte? Jó no monte de cacos não seria imagem de "unio mystica", embora imagem negativa? O que resta ainda para ser "íntegro", quando sujeito e objeto se confundem? Quando não há pele?

O trecho se esclarece, se considerarmos o nome "Jó". É a forma passiva da palavra "inimigo": significa "o inimizado". Jó no monte de cacos não é nem um yogue em busca do samadhi, nem um monge Zen em busca do satori, mas é inimigo do Inimigo. Objeto que visa tornar-se sujeito. A unicidade concreta do monte de cacos não é o ponto final de um processo de integração, mas ponto de partida para

um projeto de auto-afirmação. O judeu-cristianismo é afirmado enquanto projeto de auto-afirmação do sujeito humano, partindo da unicidade indefinível da realidade. A indeterminabilidade da realidade concreta é tomada, desde o início, dialeticamente. "Pele por pele", articula a dialética inerente, desde o seu início, à história do Ocidente. A mensagem do trecho epigrafiado, tal como a estamos recebendo atualmente, afirma que, com a descoberta da indeterminabilidade, a história ocidental está apenas começando a se tornar auto-consciente.

Satã afirma, (como o fazem tantos cientistas, filósofos e teólogos atualmente), que o sujeito humano se desintegrara quando for atingido na pele. Que se diluirá na massa amorfa. ("homem da massa"). Mas Jó responde utilizando a própria desintegração de sua definição como método para auto-afirmar-se. Como o principio de Heisenberg é utilizado como método para o conhecimento exato. Como a psicanálise é utilizada como método de conhecimento e modificação de si próprio. Como a intersubjetividade social é utilizada como método de engajamento político em prol de valores individuais e intransferíveis. Jó responde a Satã invertendo o significado da sentença "pele por pele". A intenção do autor do Livro de Jó é a de nos fazer saber que somos Jós, inimigos do Inimigo.

Podemos aceitar ou recusar tal dermatologia. Que é no fundo aceitar ou recusar a morte. Decisão difícil. Mas qualquer que seja a nossa decisão: a sentença "pele por pele" se revela, sob leitura atual, como sendo uma das palavras, fundadores ("Urworte"), da cultura que nos sustenta.